

## Composições do *self*: das atmosferas e emoções da memória

### Compositions of the self: on the atmospheres and emotions of memory

\*Vittorio Talone<sup>1</sup> 

#### Resumo

Este artigo explora a “memória actancial”, uma forma de memória que, por meio de sensações, emoções e atmosferas, influencia a ação presente e a composição do *self*. A partir de pesquisa qualitativa com mães de vítimas de trânsito e com policiais militares, o texto analisa como eventos passados são recuperados não apenas como imagens, mas também como experiências corporais que afetam a potência de agir. Dialogando com a sociologia pragmática e com a fenomenologia, argumenta-se que afetos, atmosferas e emoções funcionam como “actantes” que, ao circularem, redefinem continuamente a percepção de si e as possibilidades de ação futura das pessoas, transformando o sofrimento em novas formas de engajamento.

**Palavras-chave:** memória; atmosfera; emoções; *self*; sociologia pragmática.

#### Abstract

This article explores “actantial memory,” a form of memory that, through sensations, emotions, and atmospheres, influences present action and the composition of the self. Drawing on qualitative research with relatives of road traffic victims and military police officers, the text analyzes how past events are recalled not only as images but as bodily experiences that affect one’s capacity to act. Engaging with pragmatic sociology and with phenomenology, it argues that affects, atmospheres, and emotions function as “actants” that, as they circulate, continuously redefine people’s self-perception and future possibilities for action, transforming suffering into new forms of engagement.

**Keywords:** memory; atmospheres; emotions; self; pragmatic sociology.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Exatas e da Terra, Departamento de Demografia e Ciências Atuariais, Programa de Pós-Graduação em Demografia (PPGDÉM-UFRN, Rio Grande do Norte, RN, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4939-201X>.

## Introdução

Tenho abordado, em meus últimos trabalhos, uma forma de memória que tem forte impacto no andamento de uma ação corrente (íntima ou coletiva), ou seja, na ação presente das pessoas. Nestes textos<sup>2</sup>, tenho explorado esta presença – interpretada com auxílio dos conceitos de *actante* e de *actância*<sup>3</sup> – por meio de “eventos violentos” recuperados como imagens mnêmicas que afetam negativamente as possibilidades de ação e planos futuros. Neste artigo, busco evidenciar o âmbito afetivo, as energias e intensidades dessas lembranças – frequentemente consideradas como abstratas e efêmeras na análise científica (Garcia, 2018) – que envolvem sensações, emoções e percepções de climas e *atmosferas* (Menezes; Cavalcanti; Monteiro-Macedo, 2024; Reinhardt; Corrêa, 2024), igualmente constitutivas da memória e da compreensão de si. A atmosfera aqui não é um fator espacial inerte, mas uma sensação perceptiva que compõe as ações presentes das pessoas (Stewart, 2010).

Uma *memória actancial* (Talone, 2022) é composta por elementos sensíveis, transitórios e fluidos para os próprios sujeitos. Tal memória não se reduz a lembranças como imagens do passado (e.g., fotos, filmes) acessadas de modo neutro, mas envolve lembranças-afetos e lembranças-emoções. Trata-se de uma dimensão do pensamento não representativo (Deleuze, 1978) em que afetos e emoções vinculados ao organismo moldam potências de agir. Estresse, medo, tristeza, terror, esperança ou desânimo, entre outros, afetam experiências situadas. O físico, o mental, o espiritual e o afetivo compõem, assim, um todo complexo da vida íntima (Dewey, 1896; James, 1890).

Com base em trabalho de campo com pessoas que vivenciaram a possibilidade de morte própria ou de pessoas próximas em situações de “violência urbana” (Misse, 2022) e de violência no trânsito (Russo, 2012), dialogo com debates da tradição pragmatista (Pogrebinschi, 2005). Minha análise se apoia no *consequencialismo*, isto é, nos efeitos relatados pelos pesquisados a partir de suas experiências: dor, tristeza, raiva, sensação estranha, formigamento nervoso, ansiedade extrema, entre outros. Não estipulo aqui uma ordem de fatores entre percepção, cognição, mente, afeto, emoção, sentimento e pensamento. Como sugere John Dewey (1896), trata-se de conferir centralidade ao *afeto em ação*.

Este artigo examina como lembranças se manifestam como sensações, climas e atmosferas que produzem efeitos nas ações presentes de pessoas que vivenciaram situações de contato próximo com a morte. A análise parte da noção de memória actancial vinculada a “experiências extremas” (Pollak, 1990; Talone, 2023a) e se organiza em três seções: 1) lembranças como *afetos*, 2) como *atmosferas* e 3) como *emoções*, articuladas pelas narrativas dos atores estudados.

<sup>2</sup> As discussões desses textos estão sintetizadas em Talone (2023a).

<sup>3</sup> Um *actante* é aquele ou aquilo que pratica ou sofre um ato, seres ou coisas que participam de um processo (Greimas; Courtés, 1979), fazendo diferença em uma narrativa. Trata-se de um ente (podendo ser uma pessoa, uma ideia, grupo(s), coisa(s), entre outros elementos) dotado da capacidade de influenciar as ações de outros. Bruno Latour utiliza o conceito em seu próprio modelo, construindo logicamente a simetriação, a “inclusão de todos os entes contidos em uma situação em um mesmo plano analítico, não os diferenciando em termos de agência, ou melhor, de actância (o que permitiu analisar os seres humanos e os não humanos em um mesmo quadro)” (Werneck, 2014, p. 29). A *actância* diz respeito à potencialidade de um ente não simplesmente em termos de decisão (e, nesse sentido, de agência), mas de influência no quadro situacional.

O trabalho de campo foi conduzido entre abril de 2017 e março de 2018, seguindo os princípios da *Grounded Theory* (Glaser; Strauss, 1967), por meio de observação (Becker, 1993), conversas informais e entrevistas compreensivas (Kaufmann, 2013). A análise foi orientada pela perspectiva *simétrica* (Latour; Woolgar, 1997, p. 23-24), aplicada a três grupos: o Núcleo de Apoio a Vítimas de Trânsito (NAVI)<sup>4</sup>, o projeto Renascer, Servir e Proteger no Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Praças da PMERJ<sup>5</sup>, e um batalhão da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro<sup>6</sup>. Essa abordagem buscou compreender, a partir de um mesmo instrumental analítico, a fenomenologia comum de grupos variados que vivenciaram situações de contato direto com a morte<sup>7</sup>.

### Breves considerações sobre “memória”

Ao falar de memória, não trato de um pretérito que determina o presente, e sim, como sugere Henri Bergson (1999), de uma *memória ativa*, de um passado atualizando-se por lembranças (imagens e sensações) que ingressam no agora e no porvir, sendo conseqüente atual, i.e., com forte influência em ações correntes. Como escreveu Pollak (1989, 1992), a memória compreende reconstruções e reconstituições (não necessariamente conscientes, reflexivas e/ou racionais), ela é parcial e seletiva. A noção de *memória actancial* procura apreender uma forma de atuação constituída pelo conjunto articulado de lembranças actantes – incluindo narrativas não vividas diretamente, mas transmitidas por outros em contextos pessoais ou institucionais – em articulação com experiências presentes que se sucedem continuamente. É actancial porque seus componentes emergem como elementos determinantes na “definição da situação” (Thomas, 1923, p. 42) em curso, ultrapassando a rememoração contemplativa. Liga-se diretamente ao que uma pessoa entende ser possível de efetivar (Werneck, 2012), a partir da *constatação dos efeitos* (James, 1907; Peirce, 1998) diversos gerados pelas situações de tensão, ferimento e morte<sup>8</sup>.

Se há *lembranças* (na forma de imagens) como *dispositivos da memória*, os afetos, as emoções e as atmosferas configuram-se igualmente como elementos constitutivos dessa mecânica. São dispositivos no sentido de algo que oferece às pessoas uma base de sustentação para suas ações, “representando um instrumento para o melhor empreendimento possível da autonomia dos atores” (Peeters; Charlier, 1999, p. 18). Definem-se em uma função de suporte e quadro organizador da ação, colocando em ordem a ação. Lembranças como dispositivos são conjuntos

<sup>4</sup> A maior parte das pessoas assistidas no NAVI são “vítimas indiretas”, em seus próprios termos. Ou seja, parentes que perderam seus entes queridos (especialmente mães que perderam filhos/as) em colisões ou atropelamentos no trânsito carioca.

<sup>5</sup> O projeto é direcionado a pessoas que enfrentam sequelas físicas e psicológicas decorrentes de “ações violentas” ou de acidentes. Seus integrantes, militares e civis, buscam transformar suas trajetórias de vida e ressignificar suas memórias por meio da prática de esportes e da participação em rodas de conversa.

<sup>6</sup> Foram estudados PMs que optaram por desempenhar funções administrativas, buscando afastar-se dos riscos inerentes ao trabalho nas ruas, bem como aqueles que foram removidos do serviço ostensivo por decisão de psicólogos ou oficiais da PMERJ, os quais avaliaram que esses profissionais já não tinham condições de atender plenamente às exigências físicas e/ou emocionais das operações policiais.

<sup>7</sup> Para informações completas sobre o trabalho de campo, a condução de entrevistas e as rotinas de observação com os grupos analisados, ver o Capítulo 1 de Talone (2023a).

<sup>8</sup> Para uma análise sobre *moralidades* – em leitura semelhante à abordagem deste estudo – e como podem se conectar com percepções sobre a morte de uma pessoa próxima, ver Araujo e Talone (2021).

não uniformes de seres, pessoas, coisas, emoções, humores, entre outros elementos – materiais ou não –, que comparecem de forma estática ou em situações, experiências, acontecimentos gerais etc.

Santos e Araújo (2007) indicam a representação humana (sobretudo, em imagens) de um desastre ou de uma catástrofe como incapaz de dar conta de expressar a verdadeira dimensão do evento, ainda correndo o risco de o tornar banal: uma agressão, um acidente, o terror vivido (mesmo no âmbito individual) pode retornar em *flashbacks*, sensações incômodas e pesadelos. A lembrança como dispositivo da memória actancial não se reduz apenas ao *passado reconstruído* (Ricoeur, 2007) como imagens. Em certos casos, faz reviver a sensação e a atmosfera<sup>9</sup> da experiência, desperta emoções possivelmente negativas ao próprio indivíduo/grupo exercendo a memória e afeta a potência de agir deles por contribuir para uma definição de situação como de sofrimento, de incômodo, de perigo, de tristeza, absurda. É isso que será explorado a seguir.

### **Afetos como actantes de lembranças: das alterações evidentes no corpo**

O afeto é aqui considerado como algo manifestado no corpo, que pode ser fruto da passagem de uma “realidade a outra”, é algo constituído nas transições vividas (Deleuze, 2017). Tal *passagem de realidade* se dá na pesquisa pela vivência de situações de ferimento, tensão e morte (Talone, 2024). Traduz-se na variação da potência de agir de uma pessoa: a tristeza, por exemplo, manifesta-se como um afeto associado à diminuição dessa capacidade de ação. Trata-se de fluxos de energia pulsante, como intensidades, tendências e potencialidades que podem ser sentidas e que, portanto, interferem continuamente no *self* de uma pessoa.

Um dos efeitos mais relatados por mães de vítimas fatais de acidentes de trânsito<sup>10</sup> sobre o rescaldo de suas perdas é o de forte dor (ou dores) física sentida no corpo. Vejamos a fala de uma entrevistada que aborda a perda da filha como “gravidez às avessas”:

– Isso meu foi tudo tirado. Foi arrancado de mim. Eu não vou ser avó, entendeu? Então, esses sonhos todos foram interrompidos, né? [...] E é uma gravidez às avessas mesmo: volta para dentro de você. [...] *Porque você sente aquilo voltando para dentro de você, só que de forma diferente: com dor.* [...] *Você sente corporalmente. Você percebe, só que de forma diferente. A gravidez é alegria, né? Você tá ali para... Na expectativa, né, de ter um filho. Você pode sentir a dor que for. Arranca um braço, arranca uma perna, mas é alegria. Agora, a gravidez às avessas já é uma gravidez dolorida.*

Essas dores, comenta ela, têm longa “gestação”. Isto é, elas são sentidas ao longo dos anos, são actantes fortes em sua vida em diferentes situações. Por um lado, o seu caráter contínuo parece se realizar ao “adentrar” o corpo da pessoa pelo

<sup>9</sup> Como veremos, tais atmosferas são *forças em si* (Stewart, 2010) que orientam e direcionam a percepção de uma pessoa sobre ela mesma e suas possibilidades de vida. E são uma realidade compartilhada: não são algo puramente subjetivo nem objetivo, mas um fenômeno “entrelugar” (Böhme, 2017a).

<sup>10</sup> Refiro-me especificamente às assistidas no NAVI, em geral, mulheres auxiliadas em seu luto por profissionais (alguns ainda em formação) de psicologia na época de realização da pesquisa.

impacto de um evento e lá permanece; por outro lado, se daria como se ela tivesse perdido uma parte da própria carne de forma violenta. “Sofri uma amputação séria”, diz. Por vezes, tal dor é sentida repentinamente, por exemplo, nas horas de dormir. Em outros casos, toma forma em datas comemorativas ou quando a pessoa se depara com uma foto do ente falecido.

Para ela, a “amputação” não diz respeito apenas à dor, mas também ao sumiço de capacidades de que antes ela dispunha: “Eu não sabia mais nada do que eu fazia. Minha memória sumiu. Como se tivesse ido com a minha filha mesmo”. Esta interlocutora chegou a perder seus dentes e a ter catarata, efeitos de “alguma coisa” vindo junto com a experiência extrema. Extravasar essas sensações, verbalizar experiências passadas e a dor sentida seria essencial para diminuir a potência das mesmas sobre as próprias ações e no corpo:

– Eu vejo pessoas que não têm esse apoio, que não buscam, que não querem. Estão muito mal. Às vezes, até vêm a falecer. Porque tudo o que você segura, vai, né, [se manifestar no corpo]. Vai para o estômago... Eu conheço amigas, a maioria dessas minhas amigas, dessas cinco [da terapia do luto], todas tiveram problema de câncer. A tristeza vem. *A angústia, aquela coisa sua vem com alguma coisa*, entendeu? *Em mim veio nos meus dentes*. Tive problemas... Moles, ficaram moles. Perdi, tive que fazer um implante. Eu perdi meus dentes. E vista também, *uma catarata emocional apareceu em três meses, assim* [estala os dedos]. E eu tive que operar no final do ano. *Então, vem, vem fisicamente*.

Outra frequentadora do NAVI comenta sobre efeitos semelhantes em seu corpo. Ela também perdeu “parte da memória” e o apetite e percebeu mudanças negativas em relação ao funcionamento anterior de seu organismo, o que alterou a sua rotina:

– Mas é, assim, eu não esquentava para comer, entendeu? Só quando meu corpo começava a dar reação. [...] Afetou também a parte da minha menstruação. Vinha um mínimo. Eu tive que ir até num laboratório, porque eu sou ligada. Aí, eu fui no médico. Aí, conversei com [a médica]. Aí, ela falou: “Ah, você pode estar entrando na menopausa”. Mas depois eu contei para ela [sobre a morte do filho]. Aí, ela falou: “Não, você tá normal, não sei o quê”. [Quando] eu falei o que tinha acontecido. Aí, ela falou assim: “Olha, o corpo, ele, o nosso organismo reage de várias formas. Então, acho que é por isso que seu corpo está reagindo assim”. E realmente foi. [...] É, o emocional acho que afeta tudo, né? Mexe com tudo. E afetou nisso também.

A permanência da situação de contato com a morte se dá, em parte, por essas mudanças no corpo e por suas manifestações. A “modificação de realidade” leva a tal alteração, atua com lembranças e mexe qualitativamente com o agir presente das pessoas.

Algumas assistidas mencionavam arritmia cardíaca; outras, uma dor em seu “âmago”. Uma das primeiras mães auxiliadas pelo núcleo, e que se tornou amiga da fundadora, conta:

– *Eu, por exemplo, eu tive tudo o que foi “ite”. Eu tive gastrite, cistite, sinusite, labirintite. Tudo o que é “ite” quando aconteceu isso*. Eu fiquei 30 dias em cima de uma cama, muito mal, tudo fechado na minha casa,

quarto. Não queria ver luz de jeito nenhum, não comia, não bebia. Em um mês, acho que eu perdi uns 6 kg. Não comia, não bebia. Como eu não comia, não defecava. Não defecava. Não bebia água, não urinava. Eu fiquei muito mal.

A condição *normal* do organismo – assim qualificado na comparação com a vida anteriormente à morte do ente querido – deixa de ser vigente e várias dores, “coisas”, “algo” passam a compor a vida das assistidas, alterando a maneira como efetivam suas ações. Nas experiências extremas relatadas, há a perda do *senso de realidade anterior* (Pollak, 1990).

A alteração no corpo também é relatada por PMs que atuaram em operações de alto risco, com conflitos armados e demais possibilidades de ferimento. Ela pode estar presente de forma aguda em situações porvindouras, fazendo com que se preocupem se vão conseguir parar de tremer (e, com isso, por exemplo, segurar propriamente os equipamentos) e/ou se ficarão visualmente alterados (pálidos e com os olhos esbugalhados) em determinados locais e devido a determinados fatores, como sons altos, viatura em alta velocidade, convocação para intervir em determinada situação. Isso os deixa constrangidos perante colegas de profissão, que podem chamá-los de covardes, fracos e até os punir indiretamente. Isso pode se reproduzir para além do trabalho, como nos momentos de folga, de maneira que toda situação vivida pode ser vivenciada como uma situação de perigo ou de vergonha.

Em um diálogo, comentei com uma PM a conversa rápida que tive com um policial mais velho na entrada do prédio do batalhão estudado, que reforçava o desejo de permanecer nas ruas mesmo com todo o estresse/perigo implicado. Para ele, isso seria algo normal da carreira e passível de ser assimilado pela pessoa com “nervos”. A policial respondeu:

– Olha, quem é assim, diz isso, é porque nunca chegou no *extremo*. Esse não atingiu o extremo.  
Eu: – O que é o extremo?  
– *É quando a tensão chega no auge. A cabeça não funciona mais.* Na rua ficam com todos os problemas da operação, que traz de casa, de salário. Atinge um teto. É o extremo. Esse não consegue mais atuar. Não consegue mais atuar pleno.

Mais de um PM fala de “panela de pressão que alguma hora estoura”, “limite”, “teto”, ou seja, momentos em que uma pessoa “pifa” – o organismo sai do controle. A situação de perigo e a morte de colegas são acompanhadas por essas alterações. Elas “assombram” os PMs juntamente com lembranças-imagens. Outro PM comenta sobre este acúmulo de pressão e seu possível resultado:

– Uma hora você sofre. Não é máquina. *Uma hora você vai parar. Vai surtar psicologicamente ou vai baixar algum tipo de doença.* Entendeu? Você não é máquina. Até panela de pressão, ela dá pressão e tira daqui a pouco para funcionar. Você trabalha na pressão o tempo inteiro, vai explodir alguma coisa num tempo ou outro. Ou pressão ou coração, ou algum tipo de doença tu vai ter. [...] Os garotos que tão entrando agora com 20 poucos anos, não tem um ano de polícia e tá com pressão 16 por 10.

Para Schütz (1945, p. 538), a *pessoa desperta* dispõe de um *plano de consciência* no “setor” do mundo tangível em sua vida diária, a seu alcance. Está centrada no espaço e no tempo em torno de si. O perigo difuso e as possibilidades de ferimento parecem preencher esse espaço para os PMs. E o lugar ocupado pelo corpo seria a base do “sistema de coordenadas” de cada um – nesse caso, cercado por signos da “violência urbana” (Misse, 2022). Os policiais localizam seus corpos em um mapa de múltiplos perigos possíveis na cidade do Rio de Janeiro. Uma outra PM, com mais de 20 anos na corporação, parece traduzir a questão da pressão constante, “que alguma hora pode explodir”, pela grande necessidade de “alerta” nas ruas:

– *Eu quase adoeci*. Você fica inseguro o tempo inteiro. Então, você não pode em nenhum momento desligar o seu alerta, seu sistema de estresse tá sempre lá no... E, do alerta, você tem um limite. Daqui a pouco você passa para uma outra fase que você fica já... Por isso que os caras entram na exaustão. O alerta, o estresse, tem três fases: você passa da fase de alerta, fica na resistência e chega na exaustão. Com o tempo de trabalho. É como a gente vê, os camaradas aí estão sempre em exaustão. O organismo não suporta. Eu ficava muito tensa, muito neurótica, não dormia bem. E quando trocava tiro?

Eu: – Como era isso de trocar tiros e depois ir para casa?

– Então, com aquilo eu não dormia. Eu não dormia. Às vezes, aquela ideia de ter... “Pô, você podia ter agido diferente, você podia ter feito diferente”. Entendeu? Aquilo ficava tomando conta da gente o dia inteiro. O pensamento fica recorrente em cima daquela ação que você teve, que talvez não tenha concluído, que talvez poderia ter morrido. Entendeu? *Porque o organismo inteiro ele muda quando você se coloca numa posição dessas*. Né, o próprio organismo ele muda. Então, é mais adrenalina. Daqui a pouco a tua imunidade baixa. Eu tava adoecendo. É o que a gente vê hoje acontecer. [...] Isso tudo acaba desequilibrando completamente o organismo. É um saber lógico, não tem como: se a tua cabeça tá preocupada, então, algo não está bom e o teu corpo inteiro responde a isso. Suco gástrico, né? Então, sua imunidade aos poucos vai reduzindo porque você não tem suporte biológico para aguentar essa pressão durante tanto tempo.

Juntamente com as lembranças-imagens (recordar as situações, pensar se poderia proceder de outra modo, imaginar a própria morte), uma das maneiras de se reviver um momento, tomam forma certas sensações físicas sobre a mente das pessoas, tensionando como agem. No caso dos policiais, por exemplo, isso diz respeito ao “alerta” constante, à pressão cumulativa, ao “limite” atingido nas mais diversas situações, ligados a uma série de disfunções no corpo. Embora pensem ter mais “nervos” que os demais membros da sociedade (Muniz, 1999), as situações vivenciadas em suas carreiras demandariam uma gestão impossível dos afetos/do corpo, para aqueles já afastados da rua. Santos e Araújo (2007) evidenciam como o corpo pode ser um lócus em que se inscreveram experiências importantes. Corpos registram e relatam experiências de medo, dor e humilhação, comunicando os sentidos e as emoções vividas em um dado evento.

Portanto, não há uma separação entre *self* e corpo, eles estão incorporados na totalidade do organismo e no ambiente (Thompson, 2009). Mas não se trata aqui de aderir a Margaret Archer (2000), que toma a comunicação intrassubjetiva como primária,

e assumir a proeminência do corpo sobre a linguagem, descartando George H. Mead (Vandenberghe, 2008); nem de afirmar o ato social como pré-condição da consciência e, logo, do comportamento (Mead, 1913, 1934). Por meio dos exemplos oferecidos aqui, constata-se um pertencimento corporal hábil do ser humano no mundo (Merleau-Ponty, 2002) consoante aos afetos, reflexões e planejamentos realizados com consciência – no sentido de ser actancial, definir situações. Afeto, nesse sentido, relaciona-se com essas “forças – forças viscerais abaixo, ao lado ou, de modo geral, para além do saber consciente, forças vitais que insistem para além da emoção – que podem nos impulsionar ao movimento, ao pensamento e à expansão” (Seigworth; Gregg, 2010, p. 1). Trata-se de uma capacidade corporal. Pensando o afeto como actante das lembranças ou gatilho para elas, pode-se entender melhor a variação de potência de ação e de definição de situação. As *variações de self* (Talone, 2023b) também se dão pelas mudanças no corpo dos estudados, tensionadas por afetos como actantes de lembranças.

### **A dor imponderável como “atmosfera”**

Os afetos podem ser algo não nomeável, indeterminado (Reinhardt; Corrêa, 2024). São como actantes de lembranças atuando como a “atmosfera” (Böhme, 2017a) de uma situação, que deixam certas percepções e sensações mais afloradas, caracterizando experiências presentes como “de sofrimento” ou “de tristeza”.

A despeito da dor concreta em seu corpo e de outras mudanças físicas “evidentes”, as assistidas do NAVI relatam uma outra dimensão de efeitos: são sensações ligadas a abatimento, torpor, inércia, letargia e dormência. Isso se caracteriza em falas como: “No primeiro momento, eu fiquei entorpecida”; e “O corpo é muito pesado, a cabeça, você perde totalmente a memória. Enfim, você fica sendo um zumbi mesmo”.

Todas as assistidas do NAVI entrevistadas citam esse âmbito de sensações de desânimo e/ou de apatia que as aflige. Uma delas comenta:

– Às vezes, eu não suportava. Sufocava. Eu tinha que ir para a praia ou para o monte. [O] monte é para onde os crentes vão. [...] Eu tinha que ir [por]que aquilo tava me sufocando. Eu tinha que ir, eu tinha que ir. E acabava não indo. Eu sentia aquela coisa dentro de mim. Dava vontade de sair andando, de correr. Correr, assim, sem rumo. De andar, andar, andar e pronto.

As sensações relatadas influenciavam diretamente a disposição no momento presente. Foi recorrente a referência a um “sentimento de vazio” ou a uma “choradeira sem motivo aparente”. Em uma das atividades do NAVI de que participei, as assistidas foram convidadas a representar graficamente como se sentiam, buscando expressar por meio do desenho aquilo que, às vezes, não era possível traduzir em palavras. Uma das mães desenhou um barco naufragando e uma flor murcha: “Hoje eu tava me sentindo uma flor que tava murcinha, precisando ser regada e eles [do NAVI] tavam me regando e me regando”. Já o naufrágio traduzia a sensação de estar “afundando” diariamente, deixando-a sem vontade de fazer nada. Essas são expressões especulativas de sensações dificilmente comunicáveis com precisão. Nesse sentido, configuram um afeto imponderável, que circula em meio às lembranças-imagens e a efeitos concretos no corpo.

A fundadora do núcleo de apoio – também parente de vítimas no trânsito – expressou, em conversa, essa sensação nos seguintes termos: “Você se torna um morto-vivo, vítima de depressão. [...] Porque, às vezes, você vivencia essa dor com tanta intensidade que você deprime”. O abalo ao se tomar conhecimento da morte é descrito como negativamente inigualável por muitas assistidas. O “chão fugir dos pés” é uma construção comum e parece traduzir a perda da base segura de estabilidade física, emocional e psicológica, como um arrebatamento por algo que “não se sabe o que é” ao certo. Sua ocorrência é comum nos relatos sobre um mal-estar generalizado<sup>11</sup>:

Na verdade, há uma mistura de sentimentos que eu não sei descrever. [...]; sinto que ainda não houve um reencontro com o equilíbrio [...]. Patrícia em coma grau III e traumatismo abdominal. Após três tentativas de ressuscitá-la, veio o sofrimento: nossa filhinha se foi (29/03/2004). *E agora? Choro? Grito? Enlouqueço? Algo me aperta aqui dentro do peito, dói muito.* [...]. [Após o enterro] voltei para casa e lá encontrei um vazio que nunca sentira antes [...]. Até hoje não sei definir este vazio e, em família, seguimos com muita saudade (Amaral, 2012, p. 30, 114, 149, 167).

No BPM, os policiais costumam falar em “estado de choque” ou em falta de controle dos “nervos” para traduzir os afetos surgidos de situações de perigo, tensão e morte e actantes junto de tais lembranças-imagens. Como uma PM comenta:

– Tem um cunhado meu, recém-saído da formação, foi mandado direto para aquela favela que fica ali no Rio Comprido [Zona Norte da cidade do RJ]... O Turano! Saiu da formação e foi colocado direto lá, no meio de uma rua. É tiro todo dia. Tensão alta. Sem saber para onde ir. *Ele entrou em choque.* Meu esposo teve de tirar ele de lá.  
Eu: – O que é esse choque?  
– É você acordar todo dia e sair no transtorno, sem saber como se despedir da família, se vai voltar. Aquela atenção estoura, explode, o cara entra em choque. Fica num estado de choque: não sabe o que fazer, o que vai acontecer, não sabe como atuar ali naquele local. [Meu cunhado] teve que sair, não aguentou. Hoje em dia faz trabalho interno.

A sensação de “choque” traduz algo ruim que (para eles, muito provavelmente) vai acontecer, expectativa ratificada pelas histórias escutadas e pelas vivências em diversos conflitos. Um dos PMs entrevistados comenta a necessidade de administrar o nível de intensidade que o aflige, mantendo os “nervos” controlados – ou seja, sem arroubos inadequados à condição “normal” de funcionamento do corpo<sup>12</sup>. Um outro policial relembra uma situação “marcante” de sua carreira (uma emboscada vivenciada) na PMERJ:

<sup>11</sup> Para além do trabalho de campo e das entrevistas que realizei, minha pesquisa incluiu duas fontes de entrevistas não produzidas em seu âmbito, como o livro de relatos de assistidas organizado pela fundadora do NAVI no final dos anos 2000. Tratou-se de agregar volume de um material substantivo à pesquisa, visando a um método comparativo constante (Glaser; Strauss, 1967).

<sup>12</sup> “Normal” tendo em vista os padrões de agressividade em sociedades modernas com seus tons e intensidades próprios. Obviamente, há diferenças colossais se compararmos lugares variados do mundo em uma mesma época, mas as distâncias podem ser próximas se comparadas às sociedades em outros estágios de “controle de emoções” (Elias, 1994, p. 191).

– Você volta para o serviço normal. Nada muda. Não tiram você de combate. Entendeu? Não deu nada. Você continua normal ali.

Eu: – Como é chegar em casa depois...

– À noite é... nada. É tirar aquele cochilo e ... [demonstra acordar em um susto]. Dá aqueles choques e foi. Normal, é o teu psicológico normal até vir baixando a adrenalina. Aí, no segundo dia tá conseguindo estabilizar, né? Passa a ser rotineiro, passa a acostumar. Só que no terceiro dia você vai ficar bem, mas já tá voltando para a mesma coisa. Podendo passar por tudo aquilo de novo.

– Você chegou a ter pesadelo ou coisas do tipo?

– Tenho, tenho. Já tive, já tive. Já tive que tomar remédio para dormir. Não conseguia dormir. Porque, né, você não consegue dormir. Então, tem que tomar um remédio para “bum” [cair na cama]. Para tu poder desligar, né? *Porque parece que você ainda tá naquela situação ali, que ainda não acabou. Não voltou. É complicado demais.*

A situação de perigo se prolonga nos PMs também pela sensação do momento que retorna a eles na hora de dormir, no dia seguinte etc.

Proponho pensarmos esse “afeto imponderável” como um *quadro de atmosferas insólitas* das lembranças-imagens ou gatilho para estas. Falo de atmosfera no sentido de Böhme (2017b), cujo exemplo mais claro é: ao entrar em uma sala, alguém pode se sentir envolto por uma atmosfera amigável ou se sentir tomado por uma atmosfera tensa. É um actante preenchendo o espaço com uma tonalidade de sensação (Böhme, 2017a). O conceito envolve uma relação entre qualidades ambientais e estados humanos. Böhme sustenta-se na noção de *aura* de Walter Benjamin, algo que brota espontaneamente em uma situação e, como uma atmosfera, penetra o *self*. Assim, atmosferas “são poderes afetivos da sensibilidade, portadoras espaciais de estados de espírito” (Böhme, 2017b, p. 8). Fenomenologicamente, temos em vista o corpo humano em sua economia de tensão e a manifestação de suas afetividades. As sensações, como atmosferas não localizáveis, manifestam-se no corpo.

Veena Das (2007, p. 1) buscou compreender como um episódio violento – a autora se concentra principalmente em eventos de guerras civis, convulsões sociais e catástrofes que arrebatam existências e se prolongam no dia a dia – “se agarra com tentáculos na vida cotidiana e se dobra nos recessos da vida ordinária”. Ela também lança mão de uma ideia de *atmosfera*:

A memória corporal de estar-com-os-outros faz com que o passado cerque o presente como atmosfera. Isso é o que quero dizer com a importância de descobrir meios de falar sobre a experiência de testemunhar: que se nossa maneira de estar-com-os-outros tiver sido brutalmente danificada, então o passado entra no presente, não necessariamente como memória traumática, mas como conhecimento venenoso. Esse conhecimento pode ser enfrentado apenas pelo conhecimento através do sofrimento (DAS, 2011, p. 35).

Trata-se também de uma elaboração, de um reconhecimento, sobre “atmosferas” que cercam as memórias das pessoas que vivenciaram situações de ferimento e/ou de morte. As atmosferas são ubíquas (Reinhardt; Corrêa, 2024), mas me

refiro a um tipo específico de atmosfera e a um tipo de mudança que afeta restritivamente a potencialidade actancial das pessoas. A “qualidade” da atmosfera muda drasticamente com as experiências aqui narradas.

Segundo Bergson (1999), se, por um lado, a imagem de nosso corpo ocupa sempre o centro da representação (digamos aqui, a lembrança-imagem e as lembranças-afetos concretas), por outro lado, percebe-se “o interior dessa imagem, o íntimo, através de sensações [...] afetivas” (Bergson, 1999, p. 63-64). Destarte, como foi visto, uma série de sensações estranhas e difíceis de serem comunicadas compõem as experiências de vida das pessoas e suas lembranças. Elas são atmosferas actantes durante suas atividades e podem receber o nome de “vazio interno”, “mistura de sentimentos”, “choque”, “uma coisa estranha”, por exemplo. Sendo profundo, este “algo” transaciona com o indivíduo como uma experiência transformadora (Corrêa, 2021): muda a pessoa, seus *selves*, constitui parte de sua memória actancial (Talone, 2019, 2023a).

### **Emoções como actantes de lembranças**

Afetos também podem ser caracterizados (e muitas vezes o são) como emoções – dor, tristeza, raiva, sofrimento – que caracterizam ou compõem uma lembrança-imagem. Segundo Collins (2004), afetos e emoções “circulam” na mente das pessoas nas mais diversas situações como uma *energia emocional*. Recorro ao conceito de *mood*, conforme a tradição fenomenológica (Reinhardt; Corrêa, 2024), para pensar os actantes da memória como elementos capazes de atribuir novas tonalidades a acontecimentos passados e presentes, sempre sujeitos a ressignificações. A noção de *tonalidades afetivas* permite compreender a variação dos estados afetivos e emocionais em suas atuações sobre as lembranças, bem como seus efeitos nas potências de agir e nas definições situacionais em disputa.

Os afetos físicos concretos ou as atmosferas podem ser percebidos como emoções. Os efeitos no corpo são normalmente caracterizados como (sinais de) raiva, tristeza, solidão etc. A percepção dos afetos pode se assemelhar à percepção das emoções, guardando certas diferenças. Como destacou Vandenberghe (2017), afetos podem gerar emoções ou efeitos nas emoções; essas podem desencadear uma reflexão ou tensionar uma lembrança; e a reflexão pode afetar de alguma forma os próprios afetos. Como Dewey já havia destacado, a ação e suas consequências unem-se na percepção: “Não é possível separar entre si, em uma experiência vital, o prático, o intelectual e o afetivo e jogar as propriedades de uns contra as características dos outros. A fase afetiva liga as partes em um todo único [...]” (Dewey, 2010, p. 138).

Os estudados podem cristalizar certas sensações e variações físicas em uma emoção e identificá-la em uma lembrança; e as vivências correntes podem ser marcadas por tais emoções, definindo uma situação. Por exemplo, sentir o corpo se retrair ao querer sair de casa pode ser interpretado como *medo*. Assim, reforçar-se-ia o desestímulo de motivação para sair de casa. O retorno ao lar de uma assistida do NAVI pode configurar uma situação marcada pela *tristeza*: ao chegar à residência e deparar-se com o “vazio” do ambiente, ela é tomada por esse sentimento, uma vez que o espaço evoca a ausência dos entes queridos ainda vivos.

Ao tratar da memória actancial, falo justamente dos afetos e das emoções como componentes das lembranças ou que despertam lembranças-imagens, que são elementos fortes de atuação da memória, constatados pelos efeitos causados, e alteram o agir presente.

*Medo e raiva* são comuns para PMs dentro ou fora da corporação, caracterizando certas situações vividas no presente junto com as imagens rememoradas. Em uma das minhas idas a campo, uma policial me conta sobre a perda de um colega de trabalho: “É muito triste, é muita tensão. [...] Foi o que falei, somos todos uma unidade. Fere tudo”. A atuação como policial é marcada por essa tristeza relativa às mortes e baixas de colegas. E é um dos motivos pelos quais alguns optam pelo trabalho administrativo e/ou pensam em deixar a corporação.

Outro policial comenta sobre a pressão e a tensão em uma situação de perigo, traduzindo o medo sentido quando opera em conflitos armados:

– Porra, muito complicado, cara. Você é ser humano. Então, você tem medo, como qualquer outra pessoa. Só que você tem que controlar seu medo, até para você agir certo, entendeu? E, cara, você tem que ter sangue frio na hora, muito treinamento, que você não recebe. Tem que procurar por conta própria, entendeu? Tem que procurar isso por conta própria e pedir proteção a Deus, cara, para ele te salvar.

O medo é tanto relatado como necessário nas ruas para os PMs não serem “pegos de surpresa”, reflexo da “frieza” exigida na função, quanto se liga a projeções de ferimento a circularem em suas mentes como possibilidades reais e imediatas. Os policiais entrevistados buscam um equilíbrio entre esses dois fatores, e reconhecem ser algo difícil de ser alcançado. O mesmo policial acima comenta ainda sobre o “nervoso” e a ansiedade de ter colegas feridos, compondo o medo e a pressão sentidos na rua:

Eu: – [Então] você já viu colegas sendo feridos?

Eduardo: – Já, pô. Trabalhou comigo. Já perdi. [...]. [Um colega] tomou cinco tiros e [um outro] que tomou... Morreu na minha frente, pô, lá na Vila Kennedy. [...] Em 2011, ele tomou esses cinco tiros. Tem problema na mão assim [demonstra a mão direita solta no pulso]. Até hoje e trabalha. Na polícia, policial ele. Tá no 9º agora. Trabalha com a mão assim. E você não entra na polícia com a mão assim. Por que ele não foi reformado com todos os proventos devido à mão dele que foi lesão de um tipo de serviço? Entendeu? Tem colega aí que não tem dedo, tem colega que fica 2 centímetros com a perna maior que a outra...

Essas informações compõem suas *bagagens de experiências* (Talone, 2015), inclusive como atmosferas e emoções, afetando o agir presente, levando-o à decisão de permanecer em trabalho interno, mesmo que deseje “contribuir mais” nas ruas e sofra com “zoações” de colegas. As situações de ferimento, tensão e morte constituem, para os grupos estudados, momentos de atenção e de pressão intensas, podendo haver picos de emoção que fazem com que as experiências pessoais sejam “mantidas vivas em replays simbólicos” (Collins, 2004, p. 43). Tais picos de emoção em *replay* podem representar uma pessoa – para si mesma e/ou para terceiros, em determinadas situações – como enlutada, coitada, chocada, abalada, sofrida etc.

Para Collins, quando uma realidade é “quebrada”, as emoções surgem de forma intensa. Por exemplo, a tristeza extrema reduziria “o nível de atividade, não apenas trazendo indiferença física e abstinência (ao extremo, evitando estar acordado), mas tornando a interação social passiva, travada, superficial” (Collins, 2004, p. 104). Há uma circulação das emoções como energia, e seu efeito são certos tipos de

expectativas (de ferimento, de solidão, de incompreensão, de superação etc.). Os PMs, não encontrando – segundos eles mesmos – suporte psicológico ou compreensão na própria polícia, em igrejas ou “na sociedade como um todo”, lidam com emoções que resultam em intenções e em antecipações confusas. Suas sensações passam a ser caracterizadas como medo, surpresa ou aversão devido a lembranças e a projeções marcadas pela possibilidade de ferimento ou de morte.

Nesse sentido, aproximo-me da afirmação de Dewey (2010, p. 119-120):

Todas as emoções são qualificações de um drama e se modificam com o desenrolar do drama. [...] A experiência é afetiva, mas nela não existem coisas separadas, chamadas emoções. Do mesmo modo, as emoções ligam-se a acontecimentos e objetos em seu movimento. [...] A emoção faz parte do eu, certamente. Mas faz parte do eu interessado no movimento dos acontecimentos em direção a um desfecho desejado ou indesejado. Pulamos de imediato ao nos assustarmos, assim como enrubescemos no instante em que sentimos vergonha. Mas o susto e o recato envergonhado não são, nesses casos, estados afetivos. Em si, não passam de reflexos automáticos. Para se tornarem emocionais, precisam fazer parte de uma situação inclusiva e duradoura que envolva o interesse pelos objetos e por seus desfechos. O pulo de susto transforma-se em um medo emocional quando se constata ou se supõe existir um objeto ameaçador, o qual é preciso enfrentar ou do qual convém fugir. O rubor converte-se em uma emoção de vergonha quando, em pensamento, a pessoa liga um ato que praticou a uma reação desfavorável de alguém mais a ela.

A emoção resulta de uma economia de tensão que tem um histórico. Livet e Thévenot (1997, p. 425-426) propõem um “caminho” semelhante dos afetos às emoções:

Partimos de afetos que são modos cognitivos primários nos quais a percepção, em correlação com as funções colocadas em jogo pelo organismo [...], imediatamente desencadeia estados internos fortemente ressonantes. Dotados de certa remanência, impõem uma tonalidade ao sistema cognitivo e selecionam certas disposições para a ação. [...] As emoções propriamente ditas surgem da requalificação do afeto pelo sentimento e pelo fortalecimento do sentimento do afeto que dele resulta.

Uma emoção não tem qualidade por si só, mas depende de atividades em andamento. Dewey afirma que quando atribuímos um estado emocional a alguém, atribuímos “uma certa atitude prática” característica desse estado – ficar com raiva é estar inclinado a agir de uma certa maneira. É a partir do ponto de vista do ato final em uma sequência da atividade que se pode falar de determinada emoção. Louis Quéré (2018) retoma Dewey ao afirmar que a experiência emocional concreta encontra-se distribuída pelo ambiente e o organismo, é de natureza temporal e serial. Diferencia-se do afeto, uma *coordenação problemática* de sensações (concretas ou imponderáveis) na definição de situação. A emoção está ligada a um ajuste da atividade por uma atitude com um fim representado<sup>13</sup>.

<sup>13</sup> Margaret Archer descreve as emoções como “comentários sobre nossas preocupações”. Elas nos dizem o quanto nos preocupamos e como estamos em relação a preocupações não redutíveis aos nossos

A emoção é um obstáculo à integração quando muito intensa, “imediatamente descarregada” (Quére, 2018, p. 38), ou quando não há equilíbrio suficiente para uma resposta transformadora – e o afeto físico ou atmosfera insólita tomam seu lugar. A emoção é extrema (tristeza intensa, medo paralisante, remorso angustiante) por ter como efeito caracterizar confusamente as lembranças, as vivências correntes, os planejamentos futuros e as próprias potências em cada um dos tempos. Esse é o caso de assistidas do NAVI e de PMs que passaram por riscos de vida ou que presenciaram a morte de parceiros de trabalho – algo que o núcleo de apoio e o Projeto Renascer buscam trabalhar a partir de rodas de conversa e de atividades diversas.

### Considerações finais

Com este artigo e a pesquisa que o sustenta, busquei evidenciar como as lembranças variam em suas tonalidades afetivas, a partir do fluxo de afetos, de atmosferas e de emoções que suscitam alterações nas ações. Tais variações foram apreendidas sociologicamente a partir das descrições, sempre aproximadas, que as próprias pessoas elaboram sobre sensações experimentadas em situações passadas, as quais repercutem sobre elas ou sobre aquilo que as afeta no presente. A forma como as situações de ferimento, tensão e morte são vivenciadas e permanecem na mente dos estudados fazem-nos definir novas “regras de experiência” (Weber, 1993). Os afetos, as emoções e as atmosferas *iluminam* de formas específicas as lembranças e as projeções de futuro e podem indicar certas “regularidades” para as pessoas. Por exemplo, um PM pode considerar que está em risco perene de vida ao se sentir “assombrado” pelo medo e ao pensar no tiroteio em uma dada localidade, ainda que esteja no trabalho administrativo. Isso se relaciona à percepção de “probabilidades” [*likelihood*] (Schütz, 1943, p. 137) caracterizadas pela emergência de certos actantes que se transmitem como parte das lembranças, “colorindo” o presente e o futuro – de preto (luto), preto e branco (apatia) e vermelho (risco de vida), para usar exemplos da pesquisa.

PMs falavam da circulação de problemas emocionais, dos problemas íntimos em casa aos perigos de operações na rua. O “acúmulo” que pode chegar ao “limite” se dá como uma energia que se transmite de situação a situação, carregando o afeto (atmosfera) e/ou a emoção de cada momento para os seguintes:

- Que nem o rapaz ali falou da panela de pressão: é limite o tempo todo. Não tá acontecendo nada? Você tá numa esquina tranquila? Há quatro horas? Não tem ninguém? Não importa! Não importa. Piscou o olho, você pode morrer, ser ferido, deixar um colega na mão. Isso é que as pessoas não entendem. Eu tô no limite toda hora.
- Tu gastou a energia de um mês em 10 minutos. Depois acabou. Tem gente morta ou não, prisão ou não, ferido ou não, você volta pro trabalho normal. “Normal”, né? Porque aquilo já te altera. Tem gente que vai levando. É a nossa vocação, né? Mas quem diz que não fica mexido, tá mentindo. Mexe, sim. O corpo, o teu olhar muda.

---

sentimentos a respeito delas. As emoções “transmitem para nós a importância das situações naturais” (Archer, 2004, p. 331).

Eles compreendem que existe um fluxo das energias vivenciadas em momentos de tensão e elas afetam comportamentos em outras situações.

Quanto às mães do NAVI, as atmosferas dos momentos em que souberam das mortes podem retornar na vida corrente. Parte do trabalho realizado pelos profissionais do NAVI com elas é justamente o de buscar controlar o “ressurgimento” dessas sensações, evitando jogar a “luz da apatia” sobre uma situação presente. A fundadora do NAVI, após nossas conversas, me enviou um texto retirado de um grupo fundado onde ela reside atualmente, de autoria de uma amiga, uma mãe enlutada. Ela me encaminhou a mensagem por ser significativa quanto ao luto e à dor das mães. Reproduzo-a parcialmente:

O que sentimos, sempre sentiremos, não passa depois de um período, se transforma, a saudade continua, as lágrimas teimam em aparecer, o peito aperta com lembranças, mas há uma mudança significativa, A DOR, a dor muda, se transforma, temos que dar essa oportunidade a nós mesmos. E aí eu aqui pensando, me dei conta que luto todos os dias para que meu luto seja transformador, para que seja iluminado, para que seja parte do propósito de minha existência, para que não seja em vão tanto conhecimento, tantos sentimentos (destaque da própria mensagem).

No luto, tem lugar uma circulação dos afetos e das emoções, sempre em mudança (Talone, 2024). Por vezes, dão à luz novas formas de agir (como buscar o envolvimento em ações de conscientização) ou reforçam a sensação passada/presente de sofrimento (pensar na própria morte como possibilidade iminente). Mediadas pela “ressignificação” proposta pelo núcleo, as assistidas buscam outras formas de se sentir. A criadora do NAVI afirma (após falar sobre seu trabalho e o peso de suas perdas até os dias de hoje): “Eu posso ter vivido a maior infelicidade para uma pessoa, mas eu quero dar um colorido diferente à minha vida. Eu não quero ver só o lado negro. Eu quero ver as coisas boas”. Dar um novo colorido e/ou buscar iluminar de forma diferente relacionam-se, assim, à circulação de “energias passadas”.

Collins (2004) dedicou-se a demonstrar como o indivíduo é uma “cadeia de interação ritual”. Nesse sentido, o indivíduo é o precipitado de situações interacionais passadas e um ingrediente de cada nova situação. Se há circulação de energia emocional (Collins, 2004) de uma situação, mexendo com o humor dos seres, pode-se buscar “dar uma nova cor”, no sentido de buscar formas possíveis de viver sem um sofrimento ou sem dor extrema – o que altera as atmosferas<sup>14</sup> e as emoções ligadas a certas lembranças-imagens. Sendo assim, para finalizar, penso ser propício recuperar a noção de humor [*mood*].

Para Edmund Husserl, o humor representa as várias *unidades de sentimento* como um aspecto do fluxo da consciência. E é possível diferenciar formas de humor cambiáveis nesse fluxo. Por exemplo, tais unidades podem ser diferenciadas de acordo com conteúdos prevaletentes, a forma como se unem, o curso pelo qual se desenvolvem etc. (Lee, 1998). O humor se aproxima daquilo abordado aqui como afetos, atmosferas, emoções e seus conjuntos e suas variações. Ele seria um “fundo” (*background*) para as

<sup>14</sup> Böhme (2017a, p. 20) também destaca como atmosferas são *poderes emocionais móveis*, que podem ser transportadas e transportadoras espaciais de estados de humor.

lembranças correntes, estabelecendo uma relação com o horizonte dos objetos e aparecendo em sua perspectiva. O humor, nesse sentido, espalha-se sobre os conteúdos da consciência como uma “luz” iluminando de certa forma cada objeto: “cores” distintas são dadas a cada lembrança-imagem. Para Husserl, o humor tem a função justamente de iluminar o mundo. Diogo Corrêa traduz tal fenomenologia do humor como uma fenomenologia das *tonalidades afetivas*, algo relativo às variações intensivas do corpo, relacionado – pelo menos do ponto de vista das tonalidades afetivas no plano da representação – aos afetos e às emoções. A emoção, por exemplo, seria a glosa? e a expressão representativa de uma variação tonal específica<sup>15</sup>. Em suma, são justamente os afetos e as emoções em suas variações (iluminando de formas distintas lembranças-imagens e situações presentes) que compõem o humor, nomeado aqui fluxo variável de tonalidades afetivas.

Uma assistida do NAVI busca atingir, interpreto, outra tonalidade afetiva em relação a suas lembranças, jogando novas luzes sobre suas possíveis ações presentes e futuras. PMs relatam sofrer com forte variação de tonalidades afetivas ao longo de suas atividades profissionais, o que prejudica o modo como efetivam ações/situações no presente – carregando tal alteração brusca para outros momentos de suas vidas.

Portanto, mobilizei o termo *atmosfera* para representar um *âmbito afetivo difuso*, não plenamente nomeável, que emerge das situações e adere às experiências vividas, tensionando a forma como o presente é sentido e interpretado. Não se trata de um *estado psicológico individual*; a atmosfera é uma tonalidade sensível que preenche o espaço e envolve os corpos, um actante que orienta percepções, “estados de espírito” e potências de agir. As atmosferas aqui em questão, ancoradas em lembranças corporificadas e em experiências de ferimento/ruptura; a atmosfera traz o passado para o cotidiano não como recordação, mas como uma presença sensível que conduz o estar-no-mundo e as sensações. Ao compor a qualidade do ambiente, a atmosfera ela restringe ou reconfigura as possibilidades de ação, imprimindo às experiências ordinárias marcas persistentes de sofrimento, tensão ou tristeza – o que pode ser mudado.

O que quis mostrar neste artigo é que afetos, atmosferas e emoções são actantes de lembranças ou gatilhos para elas, variando como tonalidades afetivas. E são uma “força motriz e consolidante, selecionando o que é congruente e pintando com suas cores o que é escolhido, com isso conferindo uma unidade qualitativa a materiais externamente díspares e dessemelhantes” (Dewey, 2010, p. 120). O núcleo e o projeto de apoio buscam oferecer instrumentos que permitam aos assistidos elaborar e manejar essas experiências – um suporte de que os PMs estudados, em atividade interna no BPM, carecem, inclusive por parte da própria instituição.

Obviamente, não há “controle” absoluto e todos reconhecem uma autonomia das atmosferas, afetos físicos e emoções que tomam forma repentinamente, por vezes deixando uma pessoa em “dissonância” afetiva com relação a uma situação e a terceiros que compõem esta situação<sup>16</sup>: PMs andam armados e aflitos em períodos de folga e

<sup>15</sup> Apropriando-se disso, uma sociologia do trauma seria uma sociologia das variações bruscas das tonalidades afetivas e variações de tal modo intensas que produzem uma quebra, uma ruptura (Corrêa; Talone, 2021).

<sup>16</sup> Há uma interessante animação de 2015 – produzida pela *Pixar Animation Studios* e lançada pela *Walt Disney Pictures* – chamada *Divertida-Mente [Inside Out]*. Nela, acompanhamos o nascimento e o crescimento de uma menina. O filme exhibe, paralelamente, as emoções também como personagens; por exemplo, temos a Alegria e a Tristeza. Elas atuam na mente da menina: caracterizam (por vezes, disputando) as experiências da personagem segundo as suas cores – amarela para a alegria e azul para

“descontração”, como em uma ida à padaria; mães sentem imensa tristeza ou apatia em momentos de celebração coletiva, como no Natal. Os gestos mais mundanos, como ir ao supermercado, podem ser tão desafiadores quanto a perseguição de um grande sonho, dependendo da *sintonia atmosférica* em que se está imerso (Stewart, 2010).

Mesmo quando a luz jogada sobre uma situação pelas pessoas é preta, vermelha, ou preta e branca, estas podem buscar as “pintá-las com outras cores” – ou seja, sentir-se de outra forma –, de maneira que a dissonância pode abrir novas oportunidades de ação também nesse caso. Esta é uma maneira pela qual podemos buscar uma compreensão mais aprofundada da “gestão de *self*” (Pollak, 1990) que pessoas vítimas de violências e de experiências extremas diversas colocam em marcha para dar continuidade às suas vidas – e de forma que consigam almejar um futuro possível, ou um *bom futuro* em acordo com suas gramáticas morais (Boltanski; Thévenot, 2020).

## Referências

- AMARAL, Maria José da Silva (org.). *Seguindo a estrada: trajetórias de perdas repentinas/precoces no trânsito*. Rio de Janeiro: Funenseg, 2012.
- ARAUJO, Anna B.; TALONE, Vittorio. Justa ou injusta: as moralizações do falecimento de idosos atendidos por cuidadoras. *Política & Trabalho*, João Pessoa, v. 55, p. 77-92, 2021. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1517-5901.2021v1n55.59893>.
- ARCHER, Margaret. *Being Human: The Problem of Agency*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- ARCHER, Margaret. Emotions as commentaries on human concerns. *Theory and Research on Human Emotions*, Cham, v. 21, p. 327-356, Jul. 2004.
- BECKER, Howard S. *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: HUCITEC, 1993.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BÖHME, Gernot. A atmosfera como o conceito fundamental da nova estética. *Blog do Labemus*, [Rio de Janeiro], 14 set. 2017b. Disponível em: <https://blogdolabemus.com/2017/09/14/a-atmosfera-como-o-conceito-fundamental-da-nova-estetica-por-gernot-bohme/>. Acesso em: 23 out. 2024.
- BÖHME, Gernot. *Atmospheric architectures: the aesthetics of felt spaces*. London: Bloomsbury Academic, 2017a.
- BOLTANSKI, Luc; THÉVENOT, Laurent. *A justificação: sobre as economias da grandeza*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2020.
- COLLINS, Randall. *Interaction ritual chains*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2004.
- CORRÊA, Diogo. *Anjos de fuzil: uma etnografia das relações entre pentecostalismo e vida do crime na favela Cidade de Deus*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2021.

---

a tristeza –, tornando-as lembranças alegres ou tristes. À medida que a personagem cresce e vai se defrontando com situações mais complexas e que a deixam confusa, as personagens-emoções acabam gerando lembranças “mistas”, amarelo-azuladas, por exemplo. Vistas sob a ótica da vivência presente, algumas recordações tornam-se *bittersweet* (agridoce). Este momento marcaria a mudança e a maturidade da personagem. Cito rapidamente esse exemplo – não apenas por seu possível diálogo com a fenomenologia do humor de Husserl – para ilustrar que as lembranças não são univocamente de dor, de sofrimento, de alegria, de tristeza. Elas variam, juntamente com as tonalidades afetivas, segundo uma situação presente e em determinados contextos (se é uma época de festividades, aniversário de nascimento ou morte etc.). Suas cores mudam segundo os actantes – afetos, atmosferas e emoções – que as compõem em um dado momento.

- CORRÊA, Diogo; TALONE, Vittorio. An outline of a pragmatist theory on reflexivity: exploring the pathways of the concept through social theory. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 36, n. 2, p. 407-431, 2021.
- DAS, Veena. *Life and Words. Violence and the descent into the ordinary*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 2007.
- DAS, Veena. O ato de testemunhar: violência, gênero e subjetividade. *Cadernos Pagu*, [s. l.], v. 37, p. 9-41, 2011.
- DELEUZE, Gilles. *Espinosa e o problema da expressão*. São Paulo: Editora 34, 2017.
- DELEUZE, Gilles. Sur Spinoza: l'affect et l'idée. *Blog CIP-IdF*, Paris, 20 maio 2011. Disponível em: [http://www.cip-idf.org/article.php3?id\\_article=5631](http://www.cip-idf.org/article.php3?id_article=5631). Acesso em: 6 out. 2025.
- DEWEY, John. *Arte como experiência: últimos escritos, 1925-1953*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DEWEY, John. The Reflex Arc Concept in Psychology. *Psychological Review*, Washington, v. 3, n. 4, p. 357-370, 1896.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- GARCIA, Tristan. *The Life Intense: A Modern Obsession*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2018.
- GLASER, Barney G.; STRAUSS, Anselm L. *The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*. Chicago: Aldine, 1967.
- GREIMAS, Algirdas; COURTÉS, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 1979.
- JAMES, William. *Pragmatism: A new name for some old ways of thinking*. Cambridge: Harvard University, 1907.
- JAMES, William. *The principles of psychology*. London: MacMillan, 1890.
- KAUFMANN, Jean-Claude. *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo*, Petrópolis, Vozes, 2013.
- LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. *A vida de laboratório. A produção dos fatos científicos*, Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997..
- LEE, Nam-In. Edmund Husserl's Phenomenology of Mood. In: DEPRAZ, Natalie; ZAHAVI, Dan (ed.). *Alterity and facticity: new perspectives on Husserl*. Berlin: Springer Science & Business Media, 1998. p. 103-120.
- LIVET, Pierre; THÉVENOT, Laurent. Modes d'action collective et construction éthique: Les émotions dans l'évaluation. In: DUPUY, Jean-Pierre; LIVET, Pierre (org.). *Coloquio de Cerisy: Les limites de la rationalité: Rationalité éthique et cognition*. Paris: La Decouverte, 1997. p. 412-439.
- MEAD, George H. *Mind, self, and society*. Chicago: The University of Chicago Press, 1934.
- MEAD, George H. The social self. *The Journal of Philosophy, Psychology and Scientific Methods*, New York, v. 10, p. 374-380, 1913.
- MENEZES, Palloma; CAVALCANTI, Mariana; MONTEIRO-MACEDO, Giovanna. Habitando a 'guerra': tiroteios e leitura do 'clima' das favelas cariocas. *Revista Antropolítica*, Rio de Janeiro, v. 56, n. 2, p. 2-25, 2024.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phenomenology of perception*. London: Routledge, 2002.
- MISSE, Michel. *Malandros, marginais e vagabundos: A acumulação social da violência no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Lamparina; FAPERJ, 2022.
- MUNIZ, Jacqueline de O. *Ser policial é, sobretudo, uma razão de ser*. Cultura e Cotidiano da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), Rio de Janeiro, 1999.
- PEETERS, Hugues; CHARLIER, Philippe. Contributions à une théorie du dispositif. *Hermès*, Paris, n. 25, p. 15-23, 1999.
- PEIRCE, Charles S. *The essential Peirce*. Indianapolis: Indiana University Press, 1998.
- POGREBINSCHI, Thamy. *Pragmatismo: teoria social e política*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2005.

- POLLAK, Michael. *L'expérience concentracionnaire: essai sur le maintien de l'identité sociale*. Paris: Métailié, 1990.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- QUÉRÉ, Louis. L'émotion comme facteur de complétude et d'unité dans l'expérience: La théorie de l'émotion de John Dewey. *Pragmata*, João Pessoa, v. 1, p. 10-59, 2018.
- REINHARDT, Bruno; CORRÊA, Diogo. In media res: pensando com as atmosferas. *Revista Antropolítica*, Rio de Janeiro, v. 56, n. 2, p. 2-28, 2024.
- RICŒUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- RUSSO, Maurício. *Violência no trânsito "à moda brasileira": Insegurança, letalidade e impunidade*. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.
- SANTOS, Myrian S; ARAUJO, Maria Paula N. História, memória e esquecimento: Implicações políticas. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, n. 79, p. 95-111, 2007.
- SCHÜTZ, Alfred. On Multiple Realities. *Philosophy and Phenomenological Research*, Hoboken, v. 5, n. 4, p. 533-576, 1945.
- SCHÜTZ, Alfred. The problem of rationality in the social world. *Economica*, Cham, v. 10, n. 38, p. 130-149, 1943.
- SEIGWORTH, Gregory; GREGG, Melissa. *The affect theory reader*. Durham: Duke University Press, 2010.
- STEWART, Kathleen. Atmospheric attunements. Environment and planning. *Society and Space*, Genova, v. 28, p. 1014–1030, 2010.
- TALONE, Vittorio. *A força da memória: lembranças de situações de ferimento, tensão e morte*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2023a.
- TALONE, Vittorio. A memória actancial: as consequências de situações de ferimento, tensão e morte. In: CANTU, Rodrigo et al. (org.). *Sociologia, crítica e pragmatismo: diálogos entre França e Brasil*. Campinas: Pontes Editores, 2019. v. 1, p. 387-412.
- TALONE, Vittorio. Confiança e desconfiança como dispositivos morais situacionais em trânsito: um estudo em viagens de ônibus na cidade do Rio de Janeiro. 2015. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- TALONE, Vittorio. Memória actancial: Uma abordagem pragmática de lembranças do contato com a morte violenta. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 37, p. 1-16, 2022.
- TALONE, Vittorio. O encadeamento do luto: uma abordagem pragmatista da continuidade da vida após o contato com a morte violenta na cidade do Rio de Janeiro. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Coimbra, v. 132, p. 75-98, 2024.
- TALONE, Vittorio. Variations of the Self: The Continuity of Life after Contact with Violent Death. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, Rio de Janeiro, v. 16, p. 1-24, 2023b.
- THOMAS, William I. *The Unadjusted Girl: With Cases and Standpoint for Behavior Analysis*. Monclair: Patterson Smith Boston: Little, Brown and Company. (<https://dn790006.ca.archive.org/0/items/unadjustedgirlwi00thom/unadjustedgirlwi00thom.pdf>), 1923.
- THOMPSON, Evan. *Mind in Life. Biology, phenomenology, and the sciences of mind*. Cambridge, Massachusetts e Londres: The Belknap Press of Harvard University Press, 2009.
- VANDENBERGHE, Frederic. Ser ou não ser afetado, 2017. Disponível em: <https://blogdosociofilo.com/2017/11/02/debate-ser-ou-nao-ser-afetado-por-frederic-vandenberghe/>. Acesso em: 13 mar. 2026.
- VANDENBERGHE, Frédéric. Você sabe com quem está falando quando fala consigo mesmo? Margaret Archer e a teoria das conversações internas. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 32., 2008. *Anais [...]*. Caxambu: ANPOCS, 2008.



WEBER, Max. *Metodologia das ciências sociais, parte I*. São Paulo: Cortez, 1993.

WERNECK, Alexandre. *A desculpa: As circunstâncias e a moral das relações sociais*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

WERNECK, Alexandre. Sociologia da moral, agência e criatividade. In Werneck, Alexandre; Cardoso de Oliveira, Luís Roberto (org.). *Pensando bem: Estudos de sociologia e antropologia da moral*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014, p. 21-43.

#### \*Minicurrículo do Autor

**Vittorio Talone**. Doutor em Sociologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2020). Pesquisador de Pós-Doutorado no Programa de Pós-Graduação em Demografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Pesquisa financiada pela CAPES (Processo nº 88887.691889/2022-00). E-mail: vittorio.talone@gmail.com.

Editore/as de Seção: Paulo Gajanigo ;  
Manuela de Mattos Salazar .

#### Declaração de Disponibilidade de Dados

Os dados de pesquisa não estão disponíveis.

#### Declaração de uso de IAGen

As autorias declaram não ter feito uso de IAGen na elaboração do artigo.